



O TEATRO DE ANIMAÇÃO NO CURSO DE ARTES CÊNICAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS

***THE ANIMATION THEATER IN THE PERFORMING ARTS COURSE OF THE
FEDERAL UNIVERSITY OF GRANDE DOURADOS***

***EL TEATRO DE ANIMACIÓN EN EL CURSO DE ARTES ESCÉNICAS DE LA
UNIVERSIDAD FEDERAL DE GRANDE DOURADOS***

José Parente

José Parente

Universidade Federal da Grande Dourados;
Professor Adjunto; e-mail:
joseparente@ufgd.edu.br. Doutor em Artes
Cênicas pela Universidade Federal da Bahia
(UFBA) em 2019. Orientadora: Prof^a Dr^a Sonia
Lucia Rangel. Ator e diretor teatral.

Resumo

O objetivo deste texto é refletir sobre as contribuições do teatro de animação no âmbito do curso de Artes Cênicas da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), instituição pública de ensino superior situada em Dourados, município da região sul do estado de Mato Grosso do Sul. O texto destaca as principais ações de ensino, pesquisa e extensão da área coordenadas pelo autor, que é docente do curso desde o ano de 2010.

Palavras-chave: bonecos, encenação, máscaras, objetos, pedagogia

Abstract

This text reflects on the contributions brought by animation theater to the Performing Arts program of the Federal University of Grande Dourados (UFGD), a public higher education institute located in Dourados, a municipality in southern Mato Grosso do Sul, Brazil. The text highlights the main teaching, research, and outreach actions coordinated by the author, who has been a professor in the program since 2010.

Keywords: puppets, staging, masks, objects, pedagogy

Resumen

El objetivo de este texto es reflexionar sobre las contribuciones del teatro de animación en el ámbito del curso de Artes Escénicas de la Universidad Federal de Grande Dourados (UFGD), una institución pública de educación superior ubicada en Dourados, un municipio en la región sur del estado de Mato Grosso do Sul (Brasil). Este texto destaca las principales acciones de enseñanza, investigación y extensión del área coordinadas por el autor que ha sido profesor del curso desde 2010.

Palabras clave: títeres, puesta en escena, máscaras, objetos, pedagogía

Este texto se configura como um relato de experiência cujo principal objetivo é refletir sobre as contribuições do Teatro de Animação no âmbito do curso de artes cênicas da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), instituição pública de ensino superior localizada em Dourados, município da região sul do estado de Mato Grosso do Sul. Como docente efetivo do curso, desde 2010, venho desenvolvendo atividades de ensino, pesquisa e extensão relacionadas à área, com repercussões positivas na formação dos futuros docentes e artistas. Além disso, tais atividades vêm contribuindo para a

difusão desta forma artística, ainda pouco conhecida e valorizada na região. O texto destaca, entre outras ações, a criação da disciplina Teatro de Animação, a produção e circulação de um espetáculo experimental como parte da minha pesquisa de doutorado e alguns trabalhos de estudantes inspirados pelas proposições do Teatro de Animação.

Artes Cênicas na UFGD

O curso existe desde o ano de 2009 e oferece duas habilitações: licenciatura e bacharelado. A duração total é de oito semestres, sendo que, ao final do quarto semestre o estudante faz a opção por uma das habilitações, podendo, caso queira, cursar a outra em seguida. As aulas são ministradas de segunda a sexta-feira, no período noturno; e aos sábados, pela manhã e à tarde.

Nos primeiros anos do curso, nossos estudantes eram, em sua grande maioria, oriundos da região de Dourados e cidades próximas. A partir de 2014, ano da adesão da instituição ao sistema SISU¹, passamos a receber um maior número de estudantes de outras regiões do país, principalmente do estado de São Paulo, mas também de municípios da Região Sul e até mesmo do Norte e Nordeste.

Meu ingresso como docente efetivo do curso se deu por meio de concurso público no ano de 2010, em uma vaga da área de Atuação. Naquela época, fase inicial do curso, como é comum acontecer, o grupo de professores com formação específica em teatro era bastante reduzido. Nos anos seguintes, foram realizados mais alguns concursos e assim novos colegas foram chegando e se integrando à equipe.

A criação da disciplina Teatro de Animação

Ainda por volta dos anos de 2010 e 2011 tiveram início as discussões com vistas a promover ajustes no currículo. A disciplina Teatro de Animação ainda não existia, mas, felizmente, já havia consenso entre o corpo docente

¹ O SISU – Sistema de Seleção Unificada, é uma plataforma digital desenvolvida pelo Ministério da Educação que possibilita o ingresso de estudantes de todas as regiões do país em universidades públicas por meio da nota obtida no ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio.

quanto à importância de sua criação e implementação. Os colegas sempre entenderam que o componente teria muito a contribuir para a formação dos nossos estudantes. A criação ocorreu no ano de 2015, sendo que, a partir de 2016, a disciplina passou a ser oferecida no sétimo semestre do curso, de forma obrigatória, tanto para a licenciatura quanto para o bacharelado. A duração total é de 72 horas, incluindo as avaliações, com aulas uma vez por semana, o que corresponde a 18 semanas. As turmas são quase sempre muito numerosas, com cerca de 30 ou mais estudantes. A ementa, sem alterações desde então, é a seguinte: “Teatro de Animação: introdução ao trabalho com máscaras, bonecos e objetos. Principais técnicas de construção e animação. O ator animador. Teatro de Animação no contexto escolar”. (FALE/UFGD, 2017, p. 43).

Minha experiência com teatro de animação teve início na segunda metade dos anos 1980, enquanto aluno da graduação em teatro na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Tive o privilégio de ter aulas com a mestra Ana Maria Amaral, que foi a grande responsável por trazer a disciplina Teatro de Animação, pela primeira vez, para o interior da academia. Tempos depois, retornei à ECA-USP para cursar o mestrado em Artes Cênicas sob sua orientação e integrei sua companhia de teatro (o grupo *O Casulo*) como ator por cerca de sete anos (de 2001 a 2008).

Devido à minha formação e experiência específica na área, fiquei naturalmente encarregado de ministrar a disciplina. Conforme se percebe pela leitura da ementa, trata-se de uma grande introdução ao tema, sem a pretensão de aprofundamento em uma ou outra linguagem específica – perspectiva que, do meu ponto de vista, é a mais adequada para o contexto, dado que a maior parte dos estudantes desconhece por completo as diversas linguagens artísticas que compõem o teatro de animação. Por isso, sobretudo nas primeiras aulas, costumo adotar um viés assumidamente informativo, com exibição comentada de muitos vídeos de diferentes espetáculos, desde os mais ligados a uma tradição (mamulengos, por exemplo) até os contemporâneos, incluindo trabalhos que não necessariamente se enquadram como teatro de animação, mas que com ele estabelecem interfaces; além de leituras de textos básicos.

Nas aulas seguintes, proponho algumas atividades práticas, começando com exercícios gerais em torno do binômio animado/inanimado, a fim de levar o estudante a uma compreensão inicial de questões básicas como a relação do corpo com elementos materiais e a transferência de energias, que resultam na animação. Em seguida, proponho jogos com máscaras neutras e expressivas, construções simplificadas de bonecos de luva e de mesa e eventualmente noções de teatro de sombras e de objetos. Lembrando sempre que tudo isso deve contemplar tanto o futuro professor quanto o bacharel em Artes Cênicas. Quanto aos materiais utilizados, procuro descomplicar o tópico ao máximo, trabalhando a partir de itens simples e de fácil obtenção (jornais, papelão, garrafas pet, plásticos, barbante etc.) trazidos pelos próprios estudantes. Um tempo razoável é dedicado à criação de esboços de cenas. Nesses momentos, aproveito para analisar com eles, ainda que de forma muito básica, questões referentes à atuação, dramaturgia e encenação e suas especificidades no teatro de animação. Como forma de avaliação, além de alguns trabalhos escritos, os estudantes são convidados a produzir e apresentar aos colegas, individualmente ou em pequenos grupos, uma breve cena em uma das linguagens estudadas, à escolha. Também costumo solicitar reflexões escritas individuais sobre o processo desenvolvido em sala de aula. É claro que em turmas grandes e heterogêneas o grau de interesse e comprometimento varia bastante. Nem todos são tocados pela experiência. Alguns apenas “cumprem tabela”, sem maior envolvimento, já que a disciplina é obrigatória. No entanto, tem sido muito gratificante observar que, para a maioria dos participantes, as atividades propostas contribuíram de fato para a formação artística e humana de cada um. É o que se percebe em muitos depoimentos, como estes que transcrevo a seguir.

O Teatro de Animação é algo que nos traz a imaginação e a força de um objeto em cena, de como pode ser utilizado, e que sim, existe uma forma de expressão em algo inanimado, podendo criar histórias e contar histórias, através de algo que achamos em qualquer lugar. Com as experimentações em sala, tive a oportunidade de experimentar e ser o expectador, a satisfação em transformar um objeto, como máscaras, meias, cordas, sacos de papel, em algo com um significado que vai além de suas funções; foi algo prazeroso. (Muriel Siqueira Rosa, depoimento escrito, 20 jul. 2018)

Independente da linguagem teatral que se pretende trabalhar profissionalmente, estudar, compreender e experimentar outras técnicas não só faz com que seu conhecimento a respeito do universo teatral seja amplo, mas de igual forma o seu crescimento enquanto artista será evidente, pois isso se refletirá em sua ação na cena. Ao longo da disciplina Teatro de Animação, eu pude experimentar diversas provocações durante os exercícios realizados, exercícios que basicamente me fizeram repensar o meu trabalho de ator. (Guilherme Lemes, depoimento escrito, 20 jul. 2018)

Esses exercícios nos levam a ver as coisas, os objetos de forma diferente, ou seja, acabam contribuindo até mesmo em nossas vidas pessoais, nos tornando mais sensíveis. Com isso podemos perceber a diversidade da contribuição do Teatro de Animação para a formação do ator em cena; ele trabalha com o corpo, com a mente, com a sensibilidade, improvisação e expressões. O que achei mais incrível desse teatro é a contribuição para vida pessoal com o ganho da sensibilidade, é um teatro que particularmente quero me aprofundar futuramente. (Thalia Ferreira, depoimento escrito, 20 jul. 2018)

Geralmente os estudantes chegam ao curso de Artes Cênicas com uma concepção limitada ou fantasiosa do que é o fazer artístico e muito influenciados pelo consumo dos produtos audiovisuais da indústria do entretenimento. Acredito que uma de nossas obrigações enquanto docentes é contribuir para ampliar essa visão, mostrar outras possibilidades, outros olhares possíveis. Nesse sentido, estou absolutamente convencido de que o Teatro de Animação é excelente, pois traz para a sala de aula a diversidade de formas e conteúdo, favorece a ludicidade e a criatividade, o espírito de pesquisa, enriquecendo sobremaneira a experiência dos futuros artistas e docentes da cena, independentemente de suas futuras escolhas estéticas e/ou pedagógicas.

Repercussões da disciplina no bacharelado e na licenciatura

O primeiro exercício cênico de teatro de animação encenado no âmbito do curso foi *Aguaceiro das luzes*, trabalho de conclusão de curso (TCC) de Natália Torres Mazarim, apresentado em 2014. Três anos depois, em 2017, foi a vez de *Um pássaro preso na gaiola*, TCC das estudantes Larissa Sampaio, Laís Cassia e Isadora Prudêncio, sob a direção de Rodrigo Bento. No ano seguinte, 2018, tivemos a encenação de *Insanire*, TCC de Maíra

Bambil e Ícaro Cavalcante. Todos esses experimentos foram realizados sob minha orientação artística. O número de trabalhos de conclusão de curso na modalidade Teatro de Animação só não é maior desde a implantação da disciplina no currículo porque os estudantes a cursam somente na reta final do curso (sétimo semestre), mesmo período em que devem elaborar seus projetos de TCC. Muitos gostariam de trabalhar com Teatro de Animação a partir do contato com a disciplina, porém, em geral, não há tempo suficiente para amadurecer uma proposta e realizá-la – um problema que pretendemos solucionar assim que possível, deslocando a disciplina para algum período anterior.

Já entre os licenciandos, o Teatro de Animação, mais especificamente o Teatro de Bonecos, vem sendo visitado com alguma frequência e se mostrado uma opção metodológica viável para se trabalhar com crianças e jovens nos níveis fundamental e médio de ensino².

O ensino de Teatro nas escolas públicas de Mato Grosso do Sul ainda engatinha. No componente Arte predominam conteúdos de Artes Visuais. Isto se deve ao fato de que, por muito tempo, não havia cursos de formação superior em outras áreas artísticas. Somente no ano de 2009, como já mencionado no início deste artigo, houve a implantação do curso superior em Artes Cênicas, com habilitações em Licenciatura e Bacharelado, oferecido pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), em Dourados-MS. No ano seguinte, foi a vez da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) lançar o seu curso superior em Artes Cênicas, na modalidade Licenciatura, com aulas no campus situado na capital, Campo Grande. Aos poucos, egressos de ambos os cursos vêm ocupando espaço nas escolas públicas e privadas da região, contribuindo para a diversificação da oferta do ensino em Artes; porém, ainda há muito a ser feito nesse sentido. Maria Helena Moreira (2017, p. 60) levanta o problema do preconceito por parte de alguns alunos e professores das escolas atendidas com relação ao Teatro. Para ela, isto se explicaria, em parte, devido ao desconhecimento da população dessa forma de arte, o que geraria uma reação de negação.

²Os licenciandos podem escolher qual proposta cênica desejam trabalhar em seus estágios. Jogos teatrais, teatro do oprimido e *process drama* são as opções mais frequentes.

“Soma-se a essa hipótese as características socioculturais do estado do Mato Grosso do Sul, cuja população tem um cotidiano ainda ligado a relações rurais de poder, dificultando a inserção do teatro na escola.” (MOREIRA, 2017, p. 60/61). Desse modo, os licenciados em Teatro, em muitos casos, enfrentam inúmeras resistências e dificuldades no desenvolvimento de suas atividades.

Se o Teatro, digamos, “comum” é pouco valorizado no componente Arte das escolas públicas da região, o que dizer do Teatro de Animação? Ainda menos, pois sequer é conhecido. No entanto, este oferece uma enorme contribuição aos processos de ensino-aprendizagem, como acentua a professora Sônia Maria Silveira:

A introdução da prática do teatro de bonecos na escola, como proposta de arte-educação – nas séries iniciais – amplia as possibilidades para o aprendizado, pois alia o ato de criar ao processo de assimilação dos saberes. Além disso, cria espaço para uma interação entre os conteúdos escolares e os diversos conhecimentos vivenciados no ato do fazer artístico e na diversidade temática que a dramatização aborda. E, ainda, a relação afetiva que se estabelece entre o grupo e entre a criança e o boneco, ausente nas práticas educacionais pedagógicas que enfatizam o aprendizado de forma mecânica, negando emoções, sentimentos e formas diferenciadas de expressão. (SILVEIRA, 1997, p. 53)

Por isso, considero algo de extrema relevância quando um dos nossos licenciandos opta por trabalhar com Teatro de Bonecos em seus estúdios. Menciono, por exemplo, o trabalho de Vânia Marques da Silva e seu grupo, que em 2016-2017, a partir do estímulo da disciplina, decidiram trilhar esse caminho. Foram dois semestres de estágio, sendo o primeiro dedicado ao Teatro de Fantoches. No segundo semestre, propuseram uma técnica ainda menos conhecida, o boneco de manipulação direta, confeccionado com apenas três materiais básicos: jornal, barbante e fita crepe.

Os estudantes foram convidados a construir seus bonecos utilizando apenas e exclusivamente estes três elementos. A regra era que os bonecos deveriam seguir a estrutura do corpo humano em escala menor, ou seja, ter cabeça, tronco e membros, bem como a altura aproximada de 70 cm. Optamos por não levar nenhum boneco pronto a servir de modelo, já que a intenção era que os grupos de estudantes exercitassem sua criatividade e capacidade de superar desafios durante o processo de confecção. A limitação de materiais aqui era proposital. Procuramos deixar claro também

que juízos de valor não seriam empregados, pois não existe uma maneira padrão para confeccionar um boneco, assim como não existe boneco “feio” ou “bonito”. Todos são resultados do esforço de um grupo e isso já é um valor em si. A proposta, no geral, foi bem-aceita pelos estudantes. (PARENTE & SILVA, 2022, p. 9)

Em seus comentários sobre a experiência, Vânia apontou que no início do processo houve certo estranhamento por parte de alguns estudantes, provavelmente motivado pelo ineditismo da proposta; porém, ao longo do tempo, a maioria foi se envolvendo (Idem, p. 11). Outros grupos de licenciandos, em diferentes momentos e contextos, chegaram a resultados semelhantes. Iniciativas como essa são extremamente importantes, pois para além dos benefícios pedagógicos, contribuem para a difusão do Teatro de Animação junto a crianças e jovens, incentivando a formação de futuros apreciadores.

A pesquisa de doutorado

Entre os anos de 2016 e 2019 pude desenvolver e concluir minha pesquisa de doutorado, a qual, além dos estudos teóricos, contemplou também atividades práticas (aulas, oficinas, montagem de espetáculo) que considero importante mencionar, já que repercutiram de forma muito positiva junto aos estudantes do curso e à comunidade externa. Naquele momento, decidi focar a investigação especificamente nos objetos enquanto estímulos geradores de processos criativos e de aprendizagem. Este assunto me interessava há muito tempo, desde a época em que cursava o mestrado, pelo menos. As aulas e oficinas tiveram a participação dos estudantes; já o espetáculo *A vida nos traz presentes inesperados*, com direção minha e atuação solo da atriz Vânia Marques foi uma montagem da nossa companhia, o Núcleo Cena Viva.

No plano pedagógico, mais especificamente no que se refere à formação de um artista da cena, a hipótese era de que, jogos e exercícios específicos centrados em objetos, poderiam, entre outras coisas,

ampliar seu repertório artístico, possibilitar a pesquisa de formas inovadoras de expressão, mostrar outras possibilidades de criação de uma cena e suas personagens para além daquelas mais

conhecidas e tradicionais; favorecer o autoconhecimento, desenvolver a criatividade, a imaginação, a sensibilidade, a autonomia e a escuta; estimular um olhar mais holístico em relação à criação cênica, menos centrado no próprio “eu”; contribuir com a pesquisa do corpo e do movimento. (PARENTE, 2019, p. 16)

Estas e outras proposições foram plenamente confirmadas no decorrer do processo.

Na outra frente da pesquisa, a criação do espetáculo *A vida nos traz presentes inesperados* resultou de uma profunda investigação em torno da relação psicofísica da atriz com dois objetos cotidianos: uma panela e um lençol comum, tomados como estímulos geradores de imagens e como parceiros de cena. O roteiro foi sendo construído por meio de improvisações nas quais os objetos nos provocavam, sugerindo imagens e cenas. A peça problematiza as questões femininas em uma sociedade dominada pelo machismo. Discute a violência, a opressão, a alienação e o rebaixamento da condição da mulher a um simples objeto. A linguagem é crua, direta, sem concessões. Um teatro de objetos muito próprio, cuja estética se afasta de algumas soluções mais ou menos corriqueiras nessa vertente do teatro de animação, como a presença de uma mesa como palco para os objetos e o ator na condição de um narrador ou contador de histórias. Os objetos por nós selecionados também não são exatamente transformados em personagens por meio da manipulação. Eles foram indispensáveis ao processo de criação, bem como dividem a cena com a atriz, não como meros acessórios, mas como autênticos parceiros, sem os quais o espetáculo não aconteceria. São valorizados enquanto presença cênica, a um só tempo material e simbólica, capazes de gerar imagens potentes a partir da interação com a atriz.

Cena do espetáculo A vida nos traz presentes inesperados.



Foto: Kayque Paiva

O espetáculo estreou em 4 de novembro de 2017, no espaço Sucata Cultural, em Dourados-MS, dentro da programação da mostra Solo de Quintal, evento promovido pelo Instituto Itaú Cultural³. De lá para cá, fizemos mais algumas apresentações em espaços alternativos da cidade. A recepção sempre foi bastante positiva; recebemos vários elogios e palavras de incentivo por parte dos espectadores, e principalmente das espectadoras, que nos procuram espontaneamente após as apresentações. Foi, sem dúvida, muito importante compartilhar esse trabalho com nossos estudantes e o público em geral. Certamente contribuímos, ainda que modestamente, para a formação de um olhar mais sensível e crítico. O que demonstra, mais uma vez, a importância da pesquisa em Artes Cênicas produzida no âmbito da universidade pública.

³ Ficha técnica: Concepção, roteiro, figurino e objetos: Vânia Marques e José Parente. Atuação: Vânia Marques. Direção: José Parente. Iluminação: Gil Esper. Apoio técnico: Rodrigo Bento. Produção: Núcleo Cena Viva (Dourados-MS).

Iniciação científica

Entre os trabalhos de iniciação científica que orientei nos últimos anos, gostaria de destacar os dois mais recentes, realizados em conjunto, entre os anos de 2021 e 2022, e que chegaram a bons resultados apesar das condições adversas do período pandêmico. Os estudantes Beatriz Gabrielle Rodrigues e Kayque Paiva vinham desenvolvendo um processo de investigação cênica por conta própria desde 2020 cujo estímulo inicial haviam sido os exercícios de máscara neutra ministrados por mim na disciplina Teatro de Animação daquele ano. Foram poucas aulas presenciais, logo interrompidas devido à pandemia, mas o suficiente para acender em ambos a vontade de mergulhar em um processo de criação artística. Isolados no início, cada um em sua cidade, criaram um primeiro vídeo experimental que acabou sendo contemplado em um edital de auxílio emergencial para artistas. Naquele momento, o audiovisual era praticamente a única possibilidade de expressão para os artistas em geral. Mais adiante, em meados de 2020, agora reunidos, vieram mais experiências em vídeo, que juntavam corpos, máscaras e objetos encontrados ao acaso nas ruas em uma sequência de imagens fragmentadas de grande impacto sensorial, como a que segue:

Experimentação cênica



Foto: Kayque Paiva

Um desses experimentos audiovisuais partiu da sensação de angústia perante a quantidade de lixo e garrafas vazias abandonadas nos espaços públicos, e do desejo de reciclá-las de alguma forma. O medo e a incerteza quanto ao futuro eram os sentimentos dominantes que contagiavam o processo que ambos desenvolviam naquele momento difícil. Foi então que eles me procuraram em busca de orientação. Logo identifiquei naquelas tentativas vários elementos recorrentes em grande parcela do teatro experimental contemporâneo, tais como uma certa abordagem performática, a recusa ao texto falado, a preferência pela imagem e a resignificação de objetos. Projetos aceitos e aprovados, iniciamos uma pesquisa teórica a fim de compreender melhor alguns conceitos como teatro visual, hibridismo, imagem, símbolo, mito e arquétipo, entre outros. Este estudo fez com que ambos passassem a entender mais claramente a própria prática, até então realizada de maneira intuitiva, e contribuiu indicando caminhos para a continuidade da pesquisa. Com o relativo abrandamento das regras de isolamento social, eles puderam retomar os experimentos práticos, agora testando possibilidades em espaços públicos. Concluídas as iniciações científicas, Kayque e Beatriz seguem desenvolvendo sua pesquisa artística com foco nas relações entre corpo, máscara e objetos, em um viés performático, agora de forma mais embasada e consciente.

Considerações finais

Foram várias as ações de ensino, pesquisa e extensão além de atividades extracurriculares como oficinas e consultorias relacionadas ao teatro de animação desenvolvidas diretamente por mim, ou das quais participei como colaborador ao longo dos últimos anos. Por questões de espaço, optei por dar destaque a algumas delas; no entanto, gostaria de mencionar, ainda que brevemente, nessa parte final, a criação do TEANIMA – Grupo de Estudos em Teatro de Animação da UFGD, coordenado por mim, direcionado aos estudantes do curso e demais interessados, que pretende ser mais um espaço de reflexão e experimentação que incentive o surgimento de futuros projetos relacionados à área. Os primeiros encontros aconteceram no

segundo semestre de 2022, com a proposta de continuidade e de permanência a longo prazo.

Por fim, tem sido muito prazeroso observar o processo de propagação do teatro de animação nesse pedaço do interior do Brasil. Quando recebo notícias de que um estudante ou ex-estudante nosso está trabalhando o teatro de bonecos com seus alunos, construindo uma caixa de lambe-lambe, preparando uma performance com máscaras, ou ainda que se encantou com as possibilidades do teatro de sombras ou objetos, isto é para mim motivo de grande orgulho e alegria. Cumpre ressaltar a importância da universidade pública, gratuita e de qualidade, sem a qual tudo isso seria muito mais difícil, senão impossível.

Apesar de sua ainda curta trajetória, e das dificuldades naturais do percurso, o Teatro de Animação no âmbito da Universidade Federal da Grande Dourados-UFGD, vem cada vez mais abrindo novos caminhos, proporcionando valiosas experiências de aprendizagem aos seus estudantes, muitos dos quais incorporam os conhecimentos adquiridos às suas práticas artísticas e pedagógicas. Em paralelo, os espetáculos, performances e experimentos cênicos produzidos enriquecem a cena da cidade e da região, possibilitando ao público em geral uma experiência de fruição mais diversa e plural. Vida longa!

Bibliografia

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, ARTES E LETRAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS. **Projeto político pedagógico do curso de graduação em Artes Cênicas**: Licenciatura e bacharelado. Dourados, 2017.

MOREIRA, M. H. S. A vivência docente do bolsista do PIBID Artes Cênicas no estágio supervisionado. *In*: BARROS, Ariane Guerra; JANIASKI, Flávia (org.).

Conversas com a escola: relatos do PIBID-UFGD Artes Cênicas/Teatro em escolas do MS. Assis: Triunfal; UFGD, 2017.

PARENTE, J. **A vida nos traz presentes inesperados**: contribuições do objeto em processos formativos cênicos e na encenação teatral. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

PARENTE, J.; SILVA, V. Teatro de bonecos na sala de aula: reflexões sobre experiências no estágio supervisionado. **Revista de humanidades, tecnologia e cultura**, Bauru, v. 11, n. 1, 2022.

SILVEIRA, S. M. **O teatro de bonecos como prática educativa**: um estudo dos limites e possibilidades nas séries iniciais do 1º grau na escola pública. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.